



ALEKSANDER SANTOS

PANA MIO

HISTÓRIAS VENEZUELANAS E
O BRASILEIRO CORDIAL



PANA MIO
HISTÓRIAS VENEZUELANAS E
O BRASILEIRO CORDIAL

ALEKSANDER SANTOS

Este trabalho de conclusão de curso não reflete a opinião da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Seu conteúdo e abordagem são de total responsabilidade de seu autor.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem a prévia autorização por escrito do editor e do autor.

São Paulo, dezembro de 2019.

Texto: Aleksander Santos

Edição Gráfica: Eliana Chayamichi

Fotos: Gabriel Jimbo

Orientação: Manoel Nascimento

AGRADECIMENTO

Escrever meu primeiro livro-reportagem foi uma experiência única. Com muitos obstáculos e muitas conquistas, o resultado apenas pode ser entregue graças àqueles que caminharam junto comigo. Deixo aqui meu grande agradecimento ao professor Manoel, pela enorme paciência e carinho para com este aluno desesperado. Meu sincero obrigado para *mis panas* que entrevistei e conheci durante esta jornada. Obrigado por expandiram meu conhecimento e me ajudarem a prestigiar as belezas desta profissão. Ao fim, e não menos importante, obrigado, mãe e pai. Obrigado por me proporcionarem uma das melhores experiências da minha vida. Obrigado por confiarem e me apoiarem, como sempre!

SUMÁRIO

QUEDA LIVRE: O COMEÇO.....	9
MADRE.....	15
CACHICAMO.....	25
ENSINAR.....	33
BICO.....	41
SAUDADES.....	51
POSFÁCIO.....	59
REFERÊNCIAS.....	62



República Bolivariana de Venezuela

PAGADEROS AL PORTADOR
EN LAS OFICINAS DEL BANCO



PRESIDENTE BCV



PRIMER VICEPRESIDENTE BCV

QUEDA LIVRE



A Venezuela vive a maior crise humanitária de sua história. Estima-se que mais de quatro milhões de pessoas já abandonaram suas residências e cruzaram a fronteira. Parece pouco? Pense que a população total da república bolivariana está na casa dos 32 milhões de moradores, segundo dados do Banco Mundial. Isso significa que mais de 10% dos venezuelanos deixaram suas vidas na incessante procura por um novo começo.

Não é fácil ser venezuelano. Há uma intensa escassez de alimentos, produtos básicos, falta de medicamentos, crise paramilitar, apagões e tensões políticas no país. A sociedade está em verdadeira queda-livre. Assim como os brasileiros, nossos vizinhos afundam-se em uma terrível crise socioeconômica e uma inexplicável dívida externa. Porém, este é a seque-la de uma duradoura instabilidade política, que se estende durante toda a sua história como uma república.

Diferentemente dos vizinhos, a Venezuela foi uma das primeiras colônias a declarar sua independência. Liderada por Simón Bolívar, os locais expulsaram os espanhóis de suas terras definitivamente em 1811. Nos anos seguintes, o Estado passou por inúmeros períodos de tensão e desconcordância política. Houve então uma gota de esperança em 1908, quando ocorre o grande marco positivo na história do país bolivariano. Em meio a toda inquietação, são descobertos os primeiros reservatórios de petróleo.

Era como encontrar a tão sonhada pedra de ouro na lavoura. Como descobrir a cura para o fim da

miséria. Todos os políticos empunharam-se da vasta quantidade de matéria para moldar seus planos econômicos. Tanto é que, no último levantamento feito pelo Observatory of Economic Complexity (OEC), 80% das exportações do país estão voltadas ao petróleo. Contudo, nem tudo acontece como idealizado. Sem infraestrutura, o grande impasse do país é que apenas enviam o petróleo bruto, ou seja, sem refino, deixando o preço do produto muito inferior ao valor do mercado.

Com toda esta deficiência, a Venezuela encontrou-se no que os especialistas chamam de ‘Doença Holandesa’, situação no qual a economia baseia todo seu lucro em apenas um material. Quando os preços sobem, o país prospera. Mas, quando este está em queda, paralelamente, a nação inteira também.

Similar a ‘República do Café com Leite’ no Brasil, os líderes dos partidos de centro-esquerda, centro-direita e centro, realizavam lá o Pacto de Punto Fijo. Ou seja, políticos revezavam a liderança do país para que a democracia fosse ‘respeitada’. Até então, nunca houve extremismo. Dadas proporções, o esquema dos colarinhos brancos ocorria de acordo, até a primeira grande revolta do povo. El Caracazo.

E como é engraçada a história. Entre os inúmeros manifestantes naquele fevereiro de 1989, lá estava um icônico personagem, que mais tarde tornara-se tão poderoso quanto os reservatórios de petróleo. Hugo Rafael Chávez Frias. 56° presidente da história venezuelana.

Em entrevistas após o atentado, Chávez alega

que o movimento tenha sido o marco zero de sua ideologia política. Exatos dez anos depois, seria eleito de maneira democrata, vencendo a então Miss Universo, Irene Sáez.

Um novo líder. Um novo começo. Um novo profeta. O povo acreditou veemente nas palavras do novo ‘Messias’. Com a ascensão do preço do petróleo, os venezuelanos tiveram um gostinho pouco experimentado anteriormente: a esperança. Mas, em 2002, após o ‘Golpe de Estado’, estava aberta a verdadeira queda livre.

Como um bom militar, consegui contornar as dúvidas dos seus eleitores. Com a plebe satisfeita, não haveriam quaisquer tentativas de questionar a bondade do líder. Para firmar-se diante da elite, recorreu ao apoio dos militares. O plano lhe serviu muito bem, afirmando sua segunda vitória nas urnas com 63% dos votos em 2006.

Como um líder ímpar, Chávez não deixou um sucessor. Talvez um de seus maiores, dentre os tantos, erros políticos. Entregou casas e medicamentos à população como uma maquiagem para compensar os outros tantos desviados. Preocupou-se demasiado com os programas sociais e deixou de lado os investimentos em infraestrutura. Os planos socialistas estavam apenas na sua cabeça e não no papel. Entretanto, após 14 anos lutando pelo seu ideal, perdeu uma outra guerra. Contra o câncer.

A tomada de Nicolás Maduro ao poder caiu do céu em seu colo. Não tinha ideia de como manter o carisma do ex-presidente e dar conta das

intermináveis dívidas acumuladas. Desde 2014, os diversos protestos contra o atual líder marcaram a onda de insatisfação com a velha-nova política venezuelana.

Mas quem realmente ficou com a bomba foi o povo. O povo, que é o coração da economia, ficou sem dinheiro. A inflação estimada na casa dos 815.1% até maio deste ano, deixou os moradores sem poder de aquisição. A economia então esfriou e, hoje, está à beira de seu colapso. Os tais medicamentos agora tornaram-se itens de luxo. Realizar uma refeição digna todos os dias virou coisa de outro mundo. Assim como seu mentor, Maduro buscou alternativas para manter sua soberania. Muitos concordam que ele falhou. Os paramilitares e outras facções já tomam conta de bairros, municípios e até cidades, negociando e lavando bolívares fuertes.

Em dezembro de 2018, de acordo com a pesquisa sobre Condições de Vida na Venezuela (Encovi), 48% da população encontrava-se em situação de pobreza. Destes entrevistados, apenas 29% afirmaram possuir água em sua casa. Isso sem levar em conta os diversos blecautes, que, em março deste ano, chegaram a estender-se por seis dias consecutivos sem energia.

No combate à fome, o governo Maduro implementou os Comitês Locais de Abastecimento e Produção (CLAP) para monitorar a necessidade dos moradores. No fim do dia, estes postos entregam uma espécie de ‘cesta básica’. Mas você tem que pagar. Nela, alguns quilos de farinha de milho (para as arepas, prato típico venezuelano), macarrão, arroz, lentilha, feijão, leite em pó, açúcar

e sal. Tudo por 2 mil bolívares, pouco mais de R\$ 1,40.

Na sociedade contemporânea, tudo perdeu seu valor. Desde o preço de alimentos básicos até o salário mínimo, que atingiu seu pior registro na história do país. Hoje na Venezuela, você trabalha o mês inteiro para receber 40 mil bolívares, ou aproximadamente U\$2 dólares.

Por isso quatro milhões de pessoas deixaram sua pátria amada. É uma ferida ainda escancarada. Muitos a deixaram pela sobrevivência de seus filhos e familiares. A chegada aos países vizinhos é dolorida, todavia, necessária.

República Bolivariana de Venezuela

PAGADEROS AL PORTADOR
EN LAS OFICINAS DEL BANCO



PRESIDENTE BCV



PRIMER VICEPRESIDENTE BCV

MADRE



Mãe. Uma palavra curta e pura. Pelo dicionário, a definição da palavra resume-se a uma figura feminina que deu à luz aos filhos/as. Por extenso, sabemos, na verdade, que mãe é uma pessoa generosa e bondosa, que dispensa cuidados maternos, que adarga intensamente a todos. Mãe é uma coisa única, que nos molda e nos ensina a sobreviver neste mundo maquiavélico. Ser mãe é uma honra para todas as mulheres, um sentimento inexplicável aos homens.

Mas nestes tempos de tensões e injustiças, não é fácil ser mãe. Na verdade, nunca foi. É um instinto. Não há dor maior que olhar para seu primogênito e saber que a realidade vai além de seu alcance. Na busca pela luz no fim do túnel, sempre farão de tudo para que seus filhos a encontrem primeiro.

Foi neste instinto de sobrevivência que Luzdalis Lopes, de 36 anos, deixou a miséria de sua terra natal. Com uma mão grudada no pulso da filha, Ava Carmin, de três anos, e a outra na pequena mala de mão, largou sua carreira como profissional de computação para poder colocar comida no prato da pequena.

Além do sonho de ver a filha prosperar, carregava consigo mesma sua verdadeira utopia como mãe, de poder finalmente presentear a herdeira com uma bicicleta, assim como foi feito com ela.

Sua decisão foi delicada. Com o salário apertado e a geladeira vazia, não houveram muitas outras escapatórias a não ser a fuga. A necessidade foi então o estopim para começar a economizar

o possível durante alguns meses para desembarcar em solo paulista. Com as notas enxutas, mas com muita coragem, esperou o sinal positivo do marido, que já se encontrava em São Paulo, para ingressar com a filha em uma labiríntica viagem.

A sonhadora foi um dos mais de um milhão e meio de habitantes da pequena cidade de Maracaibo, no norte do país bolivariano, a abortar sua vida em busca de um novo nascimento. Saiu nos primórdios de uma gelada madrugada de quinta-feira e, após treze horas de viagem, nasceu novamente do outro lado da fronteira com o Brasil, junto do sol.

Com a mala repleta de sonhos e o estomago vazio, Ludaliz logo percebeu que seria uma exaustiva jornada. Porém em todo momento de agonia e ansiedade, buscava esperança no olhar de alegria da filha. Jamais se esquece do primeiro contato com um voluntário brasileiro na cidade de Pacaraima, fronteira com seu país. Com a voz muito grata, ela se recorda: “Eu me lembro que algumas pessoas nos deram um café da manhã, reforçado. Um café com leite. Desde que cruzei a fronteira, o tratamento vem sendo o mesmo, o acolhimento, o amor. Eu adoro, essa gentileza que tem o brasileiro”.

Para a guerreira, o grande desafio da mudança foi muito além do cansaço físico. O problema girava em torno do desgaste emocional. Se aproxima da dor do parto deixar irmãos, primos, pais e amigos para trás em busca da sobrevivência pessoal. Enquanto viajava mais duas horas dentro do carro até a capital de Roraima,

Boa Vista, pensou muito nos entes queridos que ficaram aprisionados. “O coração está na Venezuela, mas a dificuldade que está nosso país faz com que a gente busque dar uma vida melhor para ela”, comenta.



Ava Carmim se diverte com presentes de brasileiros em sua casa. (Crédito: Gabriel Jimbo).

A passagem por Boa Vista foi breve. Assim como aquela visitinha aos familiares no domingo, Luzdalis apenas conseguiu parar para forrar o estômago da pequena menina com um salgado e levá-la ao banheiro. O ônibus superlotado até Manaus já lhes aguardava no terminal rodoviário, e não haviam nem completado um terço da viagem. Para sua sorte, o ar-condicionado do veículo amenizou os 33 graus que faziam na zona Amazônica. Queria descansar os

olhos, mas o pânico de estar com sua vida toda em uma única mala não lhe deixava adormecer. Ficou impressionada e decorou quase todos os inúmeros buracos da desleixada BR-174. Contudo, ficou verdadeiramente boquiaberta com a imensidade da flora brasileira. “O Brasil é muito grande. Nunca vi tanta terra. Tem de tudo por aqui. Todas as flores, todas as frutas”.

Se já não bastasse toda apreensão da longa viagem de ônibus e do bem-estar da filha, o calor e a umidade da cidade de Manaus apenas atravancaram a viajante. Ela se recorda nitidamente de ser englobada pelo calor insuportável. As costas transpiravam com a pequena mala da filha, enquanto a garrafa d’água secava às pressas. “Estávamos morrendo de calor. Nunca senti tanto calor. Acho que foi o estresse junto com a umidade”, brinca ela meses depois.

Completado um terço da viagem, o pior ainda estava por vir. O dinheiro estava contado. O que lhes restava eram os últimos goles de água da garrafa plástica e um pacote de bolacha maisena, que ganharam na fronteira. Lembra-se do instinto materno? Pois então. Foi com essa força que Luzdalis começou a pedir por algumas moedas para a filha se alimentar. Sentiu um pouco de vergonha, mas era tudo ou nada. Com a ajuda de um comerciante, conseguiu comer um salgado e renovar o estoque de bolachas. “Pelo menos tínhamos alguma coisa para comer no barco. Estava preocupada com a Ava, e já tinha ouvido que a próxima jornada seria a mais complicada”.

Se a aventura terrestre já parecia desanimadora, em seguida encarou mais quatro dias em um barco, com destino a Porto Velho. Era o caminho mais barato. Um passeio de barquinho pode parecer um luxo, mas dormir, comer, pensar, rezar, descansar e dividir o espaço minúsculo flutuante com outras dezenas de pessoas, logo testou e muito sua paciência.

As cabines eram apenas para a elite. Encontrou com sorte um espaço para dormir em uma rede alugada com a filha. Nenhuma privacidade, nenhuma segurança. O ápice do dia era acompanhar o nascer do sol. Um nascer diferente, longe da miséria mas ainda na dificuldade. Escapava de seus problemas admirando a beleza e imensidão do Rio Madeira.

A amassada garrafa de um litro e meio de água aguentou apenas um dia de viagem. Não havia um estoque no precário transporte. Se nenhum ser humano vive sem água, então como matar a sede? Simples. Estava viajando sobre o rio. Foi essa a solução entregue pelos tripulantes a Luzdalis. Ficou apreensiva, mas com a filha de três anos implorando por um mísero gole, era a única solução que estava ao seu alcance. “Não havia água potável suficiente então se tomava do rio. Mas meu Deus me dizia: ‘Não tome’. Não contei para ela (filha), mas não deixava ela tomar muito”, relembra intensamente.

Para agravar ainda mais, a água do chuveiro então também já havia esgotado e passou os últimos dois dias sem se lavar. “A água que saía do

chuveiro era uma água terrosa, escura. Tinha um cheiro muito forte. Não sabia o que fazer, mas preferi ficar sem me lavar”, se emociona ao recordar-se.

Passado o pesadelo, enfim chegaram a cidade Porto Velho, em Rondônia. Desidratadas e exaustas, Luzdalis apenas resguardava suas forças para vigiar a filha, que não lhe parecia bem. Não falava, não comia, apenas queria dormir. Em fim a última parada até São Paulo. Sete dias depois de deixar seu berço, ainda estava na metade do caminho. Restavam 2,988 quilômetros até o encontro com a nova vida.

Seus olhos, que pediam por descanso, revezavam para observar a filha que, nesta altura, não se queixava de mais nada. Não queria mais a bolacha. Não queria mais a água. “Quando chegamos, (em Porto Velho), ela já estava com febre. Mas embarcamos quase direto no ônibus, ou seja, não paramos”. Conversou muito com a pequena, mesmo ela não entendendo a situação. Depois de alguns dias dormindo em uma rede, rendeu-se ao cansaço durante as primeiras horas do ônibus e adormeceu agarradinha na filha.

Despertou-se com a pequena suando frio. A menina se queixava de uma dor de barriga e logo trancou-se no sanitário do veículo com a pequena. Não sabia o que poderia ter ocorrido. Depois da quarta vez em menos de duas horas correndo ao banheiro, se deu conta da bendita água do Rio Madeira. “Ela pegou uma infecção no estômago por conta da água. Já estava com diarreia, com febre.

Ela veio assim quatro dias, não quis comer nada. Dormia todo o tempo”, relembra com desespero na voz. A magia de ter encontrado novos ares em uma cidade repleta de oportunidades foi sucumbida pelo sentimento de preocupação pela menina. Durante os últimos três dias percorrendo as estradas do cerrado, apenas tinha olhos para a herdeira. Pegou remédios emprestados dos viajantes para amenizar a angústia de ver a pequena sofrendo.

Após duas semanas, chegou em uma tarde ensolarada de um domingo e não deu tempo de matar as saudades do marido. Tudo girava em torno de sua herdeira e logo correu com ela até o primeiro posto de saúde que encontrou.

Examinada, o pior havia passado. Ava ainda passou três dias internada no Hospital do Tatuapé. Sem palavras, Luzdalis se recorda dos momentos de alívio ao ver sua filha se recuperando. “Eu vi como um milagre de Deus o jeito que eles trataram ela rapidamente. Em nosso país, lamentavelmente não vemos isso”, diz ela.

Refletindo sobre às duas semanas mais exaustivas e esperançosas de sua vida, a venezuelana resume a experiência em um desabafo sincero ao comparar com sua antiga vida na terra natal. “Se tivesse acontecido isso na Venezuela, ela estaria morta pela falta de medicamento. Pelo alto custo dos medicamentos, a gente não ia conseguir pagar. É assim que um pai entra em desespero, se sente impotente. Você vê seu filho sofrer e não pode estender a mão”, emociona-se.

Segura, hoje a mãe pode brincar em seu quintal com Ava.

Passados dois meses trabalhando como diarista, Luzdalis enfim conseguiu arrecadar R\$ 50,00 e comprar a sonhada bicicleta rosa para a filha. “Tudo valeu a pena. Posso dizer que fui forte. Mas todas as mães fariam a mesma coisa”, se orgulha.



Luzdalis com seu marido em sua nova casa na Penha. (Crédito: Gabriel Jimbo).



República Bolivariana de Venezuela

PAGADEROS AL PORTADOR
EN LAS OFICINAS DEL BANCO



PRESIDENTE BCV



PRIMER VICEPRESIDENTE BCV

CACHICAMO



Já parou para pensar quem determina o valor das coisas? Quem escolhe quanto custa uma cebola? Um tomate? Um papel-higiênico? Complicado debater essas perguntas. A grande parte dos renomados homens de colarinho branco, terno e gravata, vão tentar te convencer que o mercado resume-se superficialmente em uma teoria: oferta e demanda. Aceitável. Quando a demanda é maior que a oferta, instantaneamente, os preços aumentam, duplicam, triplicam.

Toda vez que os preços sobem, somos os primeiros a sentir o impacto dentro de nossas casas. Deixamos de comprar um quilo de carne, optamos pelos produtos mais em conta, compramos apenas o necessário. Contudo, não há como negar que existam aqueles itens específicos que consideramos como de necessidade básica. Alimentos, água, produtos de higiene. Coisas imprescindíveis, que não reconhecemos seu valor até os preços incomodarem nossos bolsos.

Verdade seja dita, o brasileiro está acostumado a gastar grande parte de seu salário em itens de sobrevivência. Para se ter uma pequena ideia, um trabalhador que recebe um salário mínimo, de atualmente R\$ 998, tende a gastar quase 31% deste total em alimentos. Agora, pense que um quilo de frango em qualquer mercado no Brasil está aproximadamente na casa dos R\$ 11. Parece barato, não? Em paralelo, segundo o periódico *El Nacional*, da Venezuela, em agosto deste ano, os moradores do nosso país vizinho chegaram a pagar cerca de 30 mil *bolívars fuertes* (BsF) no quilo

do frango. E o salário mínimo ali é de 40 mil BsF.

Dadas proporções, você pagar trinta mil em um pedaço de frango causa um espanto muito maior que pagar apenas dez. Mas, na prática, isso quer dizer que a altíssima demanda na Venezuela faz com que os preços de alimentos e produtos básicos disparem descontroladamente. Isso sem se quer citarmos a ‘bendita’ inflação, que esteve estimada em 815% até junho deste ano. Estrondoso, petrificante e inacreditável.

Mais bizarro que pagar 30 mil BsF em frango, é parar e analisar a inversão de valores na sociedade venezuelana. No país com uma das maiores reservas de petróleo no globo, “Com mil bolívares você quase não compra uma bala, mas consegue encher o tanque do seu carro. Essa é a diferença que a gente tem”, comenta Edgar Angarita, de 40 anos, com nítida expressão de indignação na face e fúria na fala.

O pai de família logo percebeu que tudo perdeu seu o valor. Remédios, produtos e alimentos já não apresentam coerência com seus preços. Aquele frango já não era mais possível ser consumido com o antigo salário. Antes, conseguiam comprar até trinta ovos por mês, agora, seria luxo ter tudo isso para ele, sua esposa e a filha. No final de 2018, quando arrumou as malas, era possível comprar apenas uma dúzia. “É muito difícil você acordar ter de pensar: ‘O que vou dar para meu filho ou filha comer?’ Machuca muito”.

Com sua amada e herdeira, os pouco mais de cento e cinquenta mil bolívares que ganhava como

administrador de desastres, em sua cidade natal, Maracaibo, no extremo norte da república bolivariana, já não eram mais o suficiente para escapar do fantasma da fome. A fome tem um valor muito caro. O vazio do estômago pesa mais que o vazio do bolso. Um dilema e tanto, que é ainda mais assustador para uma família de classe média na devastada Venezuela.

A busca por um valor justo para sobreviver acabou em uma viagem de 35 horas de carro até a fronteira com os novos sonhos, em Pacaraima. “Isso fez com que nós deixássemos nosso país em busca de uma oportunidade”, lamenta enquanto coça a cabeça com seus dedos ásperos. Para sua sorte, teve o luxo de chegar por avião até a capital paulista e logo reencontrar-se com sua prima. Desde então, o bairro da Penha, próximo ao aeroporto internacional, tornou-se seu novo porto.



Bastidores do ensaio musical na igreja cristã de Edgar. (Crédito: Gabriel Jimbo).

Passaram-se intermináveis meses até finalmente conseguir uma estabilidade financeira. Religioso, encontrou muita força nos irmãos latinos com quem dividia a simples igreja do bairro. Eram bolivianos, mas com coração de venezuelanos. Serviram-lhe *arepas*, prato típico de seu país, e lhe ofertaram com seu primeiro emprego. Mas, como o próprio refugiado brinca após todo o sufoco vivido, “Deus sempre está testando nossas forças”. E não foi diferente desta vez.

Seu primeiro trabalho foi como costureiro, no centro de São Paulo. Este testou e muito a sua fé. Quase 14 horas por dia de trabalho braçal. Dobra e desdobra pano. Confere estoque. Arruma máquinas. E, no fim do mês, pouco mais de R\$ 700. Quatro meses neste escuro mundo da informalidade. Todo dia via o sol nascer, mas não fazia ideia de quando o sol ia se pôr. A experiência, entretanto, fez Edgar perceber da maneira mais árdua o valor do trabalho. Trabalho que ao menos lhe possibilitava enviar míseros R\$ 100 para seus pais que continuam lutando. O valor parece pouco, porém lhes garantia alguns dias de comida quente na mesa.

Como uma ampulheta, logo esgotou-se. Assim como sua paciência para com seus abusivos chefes. Foi curto e conciso na hora de pedir o seu boné. “Eu não sou escravo de ninguém”, e assim saiu pela porta da frente. Afinal, este era o motivo de sua esperançosa mudança para São Paulo, encontrar um valor e buscar novas oportunidades. E como bom e velho ditado popular: depois da tempestade vem a bonança.

A vida melhorou. Depois de três meses procurando um novo começo, o valor de sua fé se fez maior. Encontrou uma nova oportunidade justamente como um auxiliar de cozinha em um restaurante ‘fitness’, bairro da Barra Funda. Rapidamente aprendeu o valor de cada prato, cada legume, cada vegetal, cada refeição. Assim como o preço dos alimentos na Venezuela, seu salário disparou.

Hoje consegue enviar mais de R\$200 para os sobreviventes que ficaram. As inúmeras cédulas de mil bolívares, com um desenho de um *cachicamo*, ou mais conhecido como nosso tatu, são, na verdade, apenas o suficiente para seus parentes realizarem algumas refeições. E por ‘realizarem’, quero dizer alguns quilos de arroz, farinha e ovos no prato.

Foi discutindo o valor do atual *bolívar fuerte* (se é que ainda podemos chamar assim) que descobrimos o significado deste capítulo. Até 2008, não havia o *fuerte* em seu nome. Ironicamente, o novo plano econômico de Hugo Chávez no combate contra a descontrolada inflação apenas agravou a situação da moeda, empurrando a economia ladeira a baixo. O *bolívar fuerte* ficou mais fraco que nunca, ao ponto de sua maior cédula em circulação hoje ser de 100 mil bolívares.

Essas belíssimas notas, na verdade, não possuem grande valor no mercado formal. “É muito raro ver essas cédulas. O dinheiro quase não circula entre os moradores”. Já no agigantado mercado ilícito, tudo tem sua importância. Venezuelanos e seus vizinhos



Edgar comenta crise monetária na Venezuela. (Crédito: Gabriel Jimbo).

do oeste, os colombianos, utilizam a ‘alta qualidade’ das notas impressas de mil, cinco mil e dez mil para transformar a água em vinho. Sim, metamorfoseiam o ‘mísero’ bolívar para o sonhado dólar americano. Mágica? Não. Crime. “O dinheiro em cédula quase não existe, apenas cartão. A maioria está na Colômbia para falsificar as notas”, conta o agora auxiliar de cozinha.

Ainda que a situação seja de extrema turbulência em seu país, Edgar reconhece que há mais que se valorizar. Exalta sua cultura, as belezas naturais de Maracaibo, as origens humildes da família tradicional venezuelana. Sobretudo, valoriza o povo. “Os venezuelanos não se levantaram ainda. Estamos ‘acostumados’ com isso. Mas, quando a hora chegar, sei que vamos tirar forças de onde nunca imaginamos”, diz ele levantando-se de sua cadeira e batendo no peito com orgulho.

Desfrutando da vida, o papai não esconde a ansiedade de reencontrar sua filha e esposa todos os fins de tarde, após o cansativo dia de trabalho. Mesmo com as inúmeras barreiras econômicas e sociais, reconhece que o refúgio foi a melhor decisão para escapar da desvalorização do ser humano em sua terra natal. E, simultaneamente, reencontrou-se com a jovialidade de viver, segundo ele, através do convívio com o trabalhador brasileiro. “Quando vou conhecendo outros brasileiros, fico ainda mais apaixonado pelo Brasil. Os brasileiros são uma bênção para nós”, revela ele de mãos dadas e sorriso estampado no rosto.

República Bolivariana de Venezuela

PAGADEROS AL PORTADOR
EN LAS OFICINAS DEL BANCO



PRESIDENTE BCV



PRIMER VICEPRESIDENTE BCV

ENSINAR



A arte de ensinar definitivamente não é para todos. Nascer com o dom e a responsabilidade de repassar o conhecimento através de um giz e uma lousa é digno de muito respeito. Por mais que a crise humanitária esteja em seu ápice, muitos profissionais de ensino na Venezuela já deixaram de lado o comprometimento com seus alunos em busca da sobrevivência da família. É um dilema e tanto.

Em um país no qual os educadores recebem o pior salário da América Latina, há de se simpatizar com essa profissão. Em uma mão, o dever de educar e assim buscar a prosperidade do país através das futuras gerações. Na outra, o salário enxuto, que às vezes chega a apenas BsF 80 mil (incríveis R\$ 30) por mês.

Renunciar ao sonho de uma nação mais engrandecida para ter o que comer no fim do dia claramente não agrada ninguém. Muito menos ter de trocar seus alunos no extremo norte da Venezuela, no povoado de Maturín, pela panela de rabada no centro da maior metrópole do Brasil. Esta é a história de Corina Moya, 37 anos, professora de língua e literatura que trocou a sala de aula pela cozinha do restaurante no bairro de Santa Cecília, no centro de São Paulo.

Enquanto a crise engatinhava pela sociedade venezuelana, Corina já temia pelo pior. A professora pisou pela primeira vez em território brasileiro em fevereiro de 2017. Esta jornada de sua prezada cidade até a capital de Roraima, Boa Vista, só foi possível após 14 horas de viagem. Aparentemente um trajeto

tranquilo, mas quando todas suas malas e expectativas estão aglomeradas em um *Ford Ka* alugado, o passeio tornar-se um pouco mais angustiante.

Para a refugiada, o mais intimidador é a mudança de ambiente. O recomeço em um lugar mais hostil e completamente distinto de sua realidade. “Eu sou do mato, do campo, onde só tem fazendas, vacas, cavalos, galinhas. Não existem prédios. Na minha cidade só tem um banco, uma polícia, uma escola, uma estação de gasolina”, orgulha-se ao descrever seu berço.

Saindo de Maturín, o primeiro descanso foi na cidade de San Felix, cerca de 185 km do nosso marco. A curta viagem de carro, com direito até a travessia do Rio Orinoco, se concluí em apenas três horas. Entretanto, é a viagem a seguir que marca o verdadeiro início da aventura. Receio, incerteza, saudades. Todos estes sentimentos martelavam sua cabeça ao deixar seu povoado em busca de uma melhor condição de vida. Em seguida, mais 591 km até a cidade de Santa Helena de Uairén, última até a fronteira com seus novos sonhos.

Coincidentemente, a docente chegou até o novo estado sem saber nenhuma palavra em português. Estranho uma professora de línguas não ter conhecimento de outros idiomas, não? Mas Corina já havia cursado a linguagem da fome. Com os míseros oitenta mil bolívares que ganhava por mês, era possível apenas comprar a farinha para comer junto com arroz.

De Boa Vista até São Paulo, uma viagem curta. Pouco mais de cinco horas de avião. Aliás, o

primeiro voo a gente nunca esquece. Na verdade, apenas minimizamos quando as borboletas no estômago dão lugar as saudades. Saudades da filha, Ifrainy, de 24 anos, que ficou para cuidar do marido e da caçula. Saudades das galinhas, que faziam parte da família por contribuírem com a refeição de cada mês. Saudades da sala de aula, que lhe trazia um sentimento de paz interior, por estar guiando seus alunos e seu país para uma Venezuela mais digna.

Em terras paulistanas, o mundo pode virar de ponta-cabeça. Sobre tudo, quando se deixa uma cidadezinha de pouco mais de quinhentos mil habitantes para viver em uma metrópole com aproximadamente 12 milhões de sonhadores. “Estava em choque. Completamente em choque”, conta ela ao desembarcar no aeroporto de Guarulhos e



Corina relata desespero ao conhecer a imensidade da cidade. (Crédito: Aleksander Santos).

deparar-se com a imensidade da selva de concreto.

Em mãos, as duas maletas de rodinhas e apenas R\$ 50. “Cheguei com meu dinheiro até a fronteira. Depois, me emprestaram até São Paulo. Desembarquei aqui com R\$ 50. Na época ainda valia”, conta a atual moradora da Vila Clara, zona sul da capital paulista. Hoje considera-se uma mulher de extrema sorte. O tempo como desempregada durou apenas uma semana desde sua chegada.

Logo em seguida, já conseguia juntar seus primeiros reais. Um alívio para quem desembarcou endividada. Passou de professora à assistente de cozinha. De professora à aluna. Faz parte da vida. Um dia a gente aprende, outro, a gente ensina. Fato é, depois de um ano cozinhando a famosa rabada com farofa, conseguiu trazer a filha. Em seguida, o maridão. Mas a caçula ficou, para vigiar e cuidar de sua mãe aposentada.

Desde cedo, aprendeu e ensinou seus familiares a juntar todo dinheiro possível para socorrer os que ficaram. Todos os meses ela se prontifica em enviar R\$ 120 em comida e medicamentos aos parentes que não puderam vir. E logo conheceu a palavra burocracia. “Mando os produtos de correio até Boa Vista ou às vezes para Manaus. Ali, peço para uma companhia deixar as encomendas lá na minha família”, conta cabisbaixa. Pouco a pouco, todo mês se vão quase R\$ 420 nesse processo. Tudo para salvar a vida dos amigos e familiares. E ainda sim, é mais barato que comprar lá.

Mesmo com o curto salário, com o tempo foi

possível ofertar o aluguel de um sobrado melhor. No começo, a ajuda do amigo foi indispensável. Mas com o emprego da filha e do cunhado, agora conseguem desfrutar de um imóvel com um quarto, um banheiro, uma sala e uma cozinha. Nada mais. Televisão? Só a do vizinho. Internet? Só no trabalho.

Para quem deu a cara a tapa e percorreu mais de cinco mil e quinhentos quilômetros, ‘viajar’ todo dia do Terminal Jabaquara até a Santa Cecília é um luxo, correto? Depende. Duas horas e meia de seu dia se resumiam aos exprimidos vagões do metrô. Essa foi sua rotina durante um ano e meio. No começo, a satisfação em poder estar colocando a mão na massa era indescritível. Passados alguns meses, começaram então os questionamentos.

A maior lição de casa proporcionada pela experiência como cozinheira foi a confiança que ganhou de seu chefe, no qual ela se orgulha imensamente: “De alguma maneira deixo meu país muito por cima, porque ganhei a confiança de um brasileiro por uma venezuelana. Todos meus trabalhos foram assim”.

Dos quase três anos de casa, Corina revela já conhecer o ritmo da cidade. Por mais que tenha se livrado da crise, deu de cara com outra. Quando as notas do aluno não estão azuis, ele não passa de ano. Quando o cliente não almoça mais a rabada com farofa, o restaurante corta gastos. E assim começou seu novo semestre, à procura de uma nova escola, de um novo trabalho, de uma chance nova.

Nos futuros semestres, aprendeu a ser entregadora de panfletos, cuidadora de idosa, a fazer limpeza em eventos e por fim encontrou-se como diarista. De trabalho em trabalho, consegue juntar seu dinheirinho para pagar seu aluguel e fazer sua farofa em casa. A todo momento fala com orgulho dos empregos por onde passou. “Aonde quer que seja minha vida, o que me interessa é trabalhar”, diz sorridente.

Guerreira, mãe e trabalhadora, a mudança de cultura teve significativo impacto para ela. Lembra-se “dos quase três anos de casa, Corina revela já conhecer o ritmo da cidade”? Pois bem. Morando na comunidade da Vila Clara, ela se recorda do sentimento de liberdade que tinha em sua cidade natal e lamenta sua atual condição. “Aqui existem todos os tipos de gente. Em todos os lados há drogas. Na minha terra, acho que as coisas são mais fechadas, mais discretas. Eu não posso sair com a minha filha para passear porque não sei o que vou encontrar em um lugar público”, comenta ela sem hesitar.

Apesar de muito grata pelos aprendizados e experiências no Brasil, Corina admite uma ‘surpresa’ tanto quanto esperada. Assim como aquele aluno fiel ao colégio que sempre estudou, ela conta: “Penso em voltar algum dia (para casa). Espero que as coisas na Venezuela melhorem muito para voltar para lá e não precisar voltar mais ao Brasil”.

Comodiza expressão popular, todos os dias somos alunos e professores. Nós aprendemos com tudo e com

todos um pouquinho por dia. Seja na sala de aula, seja na universidade da vida. E como uma boa aluna, Corina, reflete sobre um dos maiores ensinamentos de se viver na maior metrópole do país: “Sinto que aqui você ganha rugas, cabelos brancos, velhice. O que você ganha em dinheiro não é o suficiente para passar bem. Ou seja, nunca vou me estabilizar aqui”, revela a professora com pesar na fala.

República Bolivariana de Venezuela

PAGADEROS AL PORTADOR
EN LAS OFICINAS DEL BANCO



PRESIDENTE BCV



PRIMER VICEPRESIDENTE BCV

BICO



Passamos a vida toda calculando nosso tempo para executar com êxito nossas tarefas. Para alunos de humanas, a arte de calcular requer maior atenção, certo? E para o grupo das exatas? Para um engenheiro, mais precisamente. Será que tudo acaba sendo mais preto no branco? E talvez ter de calcular cada centavo que irá ganhar no próximo trabalho? Ou Calcular a próxima vez que irá trabalhar?

No mês de fevereiro, o Instituto Nacional de Estatística da Venezuela (INE) revelou que o índice de jovens desempregados no país atingiu mais de 15,8%, entre os 15 e 24 anos. Um dado para lá de alarmante quando estamos tratando de uma população total de quase 32 milhões de habitantes.

Sendo assim, os adolescentes que crescem na pior crise humanitária da história de seu país, precisam fazer muitos cálculos. Desde a próxima refeição que irão comer, até mesmo quantos dias de trabalho árduo seriam necessários para comprar uma passagem e fugir da extrema miséria. Foi entre estes pensamentos que se principiou a jornada de Daniel Camallo, de 22 anos, calculando todos os seus *bolívares fuertes* para sonhar com a cidade de São Paulo.

Alegre, disposto e esforçado, o rapaz tinha apenas um sonho ao desembarcar na capital mais populosa do país. O sonho de regressar com uma mala repleta de dinheiro para sua família. Ironicamente, gastou essa mala para sacramentar este desejo. Antes de calcular os bolívares para chegar à cidade de São Paulo, teve

que avaliar as sequelas acadêmicas. E eram muitas.

Restavam apenas um ano e seis meses para se formar em engenharia mecânica. Um verdadeiro sonho de muitos adolescentes aos 22 anos. Ser um renomado engenheiro, ter uma renda fixa, ajudar a família e prosperar. Mas com a sombra da fome sobre a sua mesa de estudos, decidiu abrir mão do curso. Assustadoramente, ele revela que não foi o único. “Cheguei aqui (no Brasil) e estava estudando ainda. Não tinha muito o que fazer. Meus amigos também se foram. Todas as oportunidades se fecharam lá (Venezuela)”, comenta cabisbaixo, com seu boné gasto tapando sua visão.

Um jovem sem estudo resulta em um currículo omisso. Um estudante sem um diploma, não se torna um profissional. Para sua sorte, seu pai já havia calculado os estragos do governo na sociedade e optou em deixar o país dois anos antes. Mas Daniel ficou. Ficou em seu pequeno sítio, no interior de Maturín, parte norte do falecido país. Naquele período, calculou que o estudo seria sua maior e mais breve porta para alcançar o sucesso. A lógica existe, porém, como um digno aluno de engenharia, percebeu apenas ao longo do tempo a presença de outras variantes que interferiram no resultado.

Passou incansáveis meses contando cada bolívar forte para chegar ao Brasil. Quando a oportunidade surgiu, hesitou. Pensou nos outros familiares, na irmã, no sítio. Mas ao fim, calculou. Calculou e viu que ficar em seu país significava

ficar no negativo. Depois de recusar a arriscada viagem, passou um tempo com seus pais para conhecer melhor a realidade brasileira. E lhe agradou.

A chegada por terra até Boa Vista, capital do estado de Roraima, fronteira com a Venezuela, foi bastante delicada. Foi ao longo desta nova oportunidade que conseguiu sua primeira experiência trabalhista. Descobriu a definição de ‘bico’, que viria mais tarde a atormentar sua caminhada.

Informalmente, ‘bico’ representa um trabalho curto, apenas concretizado por um acordo oral. Um ajudando o outro. Assim, ‘fez um bico’ como assistente de caminhoneiro. Sua responsabilidade? Vistoriar as imensas carretas de arroz em um depósito perto da capital, Boa Vista. Entediado, só não encarou as precárias rodovias amazônicas pois não possuía sua documentação para tal aventura.

Enquanto aguardava ansiosamente por um norte, buscou incessantemente pelos documentos para renascer. Um recomeço em outro mundo. Estava mais maduro e pedia por uma nova chance de recomeçar. Pedia por uma chance de se arriscar no mundo novo.

Foi então que a divina notícia chegou. Estava de malas prontas para trabalhar em Manaus, há dez horas de carro dos pais, quando conseguiu contato com uma tia em São Paulo. Passadas algumas semanas, estava enfim convidado para participar do processo de ‘interiorização’, oferecido pelo governo brasileiro, já que possuía um parente em outro estado. “Eu já dava como

perdido porque estava começando a trabalhar e nada mudava. Mas no fim dei muita sorte”, revela sorridente.

A viagem na maior aeronave da Força Aérea Brasileira (FAB), o C-130 Hercules, foi tranquila. Veio



Av. Nove de Julho: primeira via arterial transitada por Daniel . (Crédito: Aleksander Santos).

com mais cerca de cem sonhadores. O aterrorizante mesmo foi pousar em Guarulhos, a mais de cinco mil quilômetros da família. Para sua sorte, conhecia o básico da língua portuguesa graças ao ‘bico’. Ficou boquiaberto com a modernidade e beleza do aeroporto internacional. Inocentemente, acreditou que em São Paulo, assim como em sua cidade natal, era possível

fazer tudo caminhando. Mas o buraco era mais fundo. “Minha tia mandou eu sair de Guarulhos e ir até à República. Não fazia ideia do que era e onde ficava isso”, relembra hoje com um sorriso autêntico no rosto. De pergunta em pergunta, foram-se mais de três horas no aeroporto até encontrar o caminho da roça.

Se perdeu no caminho, mas logo conheceu seu endereço preferido na cidade. A Avenida 9 de Julho. “Gosto daquela avenida porque foi a primeira vez que vi uma avenida igual nos filmes. E eu não me esqueço dela por ser a data de aniversário da minha avó”, se diverte.

Por incrível que pareça, o primeiro recado ao reencontrar-se com sua tia após quatro anos foi: “Aproveite, Dani. Desfrute”. Estranho? Talvez. Ela o mandou conhecer, explorar, gozar de tudo que nunca havia experimentado até então. Afinal, São Paulo é a cidade dos sonhos. Tudo acontece na capital paulista. Mas todo lazer é pago com trabalho, e, até o momento, Daniel desconhece essa palavra. Apenas havia ouvido ‘bico’.

Pela palavra ‘desfrutar’, sua tia, na verdade, queria que o refugiado tomasse conhecimento do ritmo da metrópole. Os caminhos, os meios de transporte, as vielas, os perigos. Imagine este exorbitante choque de realidade para um jovem que nunca se quer havia usado um metrô. Bicicletas soltas nas ruas? Patinete elétrico? Ônibus sanfonado? Coisa de primeiro mundo para Daniel. “Não sabia usar o metrô, o ônibus. Tive que aprender tudo na marra. Agora eu já descobri. É uma luta diária”. Descobriu também que, quando soa o sinal

da porta do trem, se torna uma verdadeira anarquia. Vale de tudo para não perder o horário. Empurrões, cutucadas, cotoveladas. Só não vale perder a viagem.

A melhor coisa de uma metrópole é justamente esta vasta, e constante, mudança de ambiente. A mudança de zonas residenciais para comerciais, das casas rústicas até os modernos arranha-céus. E o rapaz logo percebeu isso. Mas para realmente conhecer a cidade, resolveu caminhar. Estava decidido então que traçaria a linha azul do metrô apenas com as pernas. Primeiro, caminhou ‘miseros’ dez quilômetros, do Terminal Jabaquara até a Vila Mariana. Sete estações. Pouco mais de três horas de caminhada. Dinheiro? Tinha. Mas decidiu gastar a sola do antigo *Nike Air* e decorar na marra o caminho de casa.

A segunda aventura foi ainda mais ofegante. Outros dez quilômetros pela Avenida Cupecê, na zona sul. Desta vez, não foi para ‘conhecer’. Foi para trabalhar. Entregando de porta em porta uma folha vazia em experiências, mas repleta em sonhos. Não demorou para que o currículo, que até então não passava de uma folha de sulfite, fosse preenchendo-se com oportunidades e espaços para os novos trabalhos.

O primeiro bico na selva de concreto foi como ajudante de carga. Levantava às 5h00, pegava o metrô às 6h15 e já começava a descarregar as caixas de sapato às 8h. Este durou apenas cinco dias, por conta dos braços franzinos. Depois arriscou-se como ajudante em um restaurante nipônico, no qual o dono



Corredor de sua primeira casa na zona sul de São Paulo. (Crédito: Gabriel Jimbo).

era japonês. Aprendeu o que era *guióza*, se deliciou pelo famoso *manju*, mas não se identificou com o mais importante: o chefe. A extrema disciplina de um japonês às vezes pode levá-lo a ser um tanto quanto ríspido, e, assim, acabou deixando seu segundo bico.

Teve sua melhor chance como recepcionista em um hotel. Ganhava por hora trabalhada. Foi então que usou sua base de engenheiro e calculou a merreca que recebia. Não chegava nem a um salário mínimo. Os míseros oito e cinquenta que ganhava por hora foram suficientes para comprar um *Samsung* usado, seu sonho capitalista. Mas não era suficiente para liquidar as contas, quem dera enviar dinheiro aos pais em Roraima. Depois de quatro meses sendo enrolado para assinar a carteira de trabalho, deixou sua terceira experiência.

Não são exemplos para desmotivar ninguém. São apenas reflexos da malévola realidade paulistana. E nosso aventureiro não se deixou cabisbaixo. Segue calculando seus trabalhos e seu salário para ajudar em casa. “A verdade é que você precisa de experiência em alguma coisa. Se você não tem conhecimento em nada, fica mais difícil. O primeiro que te perguntam é: ‘O que você sabe fazer?’ E você precisa ter uma resposta”.

Atualmente, no seu quarto bico, ainda não conheceu por completo a palavra ‘trabalho’. Está atuando como caixa em um festival italiano. O currículo segue aumentando e, paralelamente, os contatos também. Mas mesmo sendo obrigado a calcular todos estes desafios, o quase engenheiro segue com uma incógnita na

cabeça. “Eu não penso em ficar, mas do jeito que estão as coisas, também não quero voltar. Estou perdido. Preciso mesmo é dar um tempo ao tempo”, diz ele com olhar esperançoso e o mesmo sorriso leve de lado a lado.

República Bolivariana de Venezuela

PAGADEROS AL PORTADOR
EN LAS OFICINAS DEL BANCO



PRESIDENTE BCV



PRIMER VICEPRESIDENTE BCV

SAUDADES



Aprender sobre as suas raízes como uma sociedade muita das vezes não desperta aquela faísca de interesse. Parece banal saber o nome dos esquecidos presidentes, as principais revoltas, as políticas que falharam. Estudar sobre o passado muitas vezes requer uma atenção redobrada aos fatos. Ainda mais quando estes são contaminados, contados de maneiras parciais e subjetivas.

Mas e quando vivemos a história? Não nos encontramos preparados para reconhecer marcos históricos quando estamos vivendo eles intensamente. Sempre fomos acostumados a ouvir ‘no passado’ e acabamos nos cegando do presente. Parece que a história apenas nos mostra o que já aconteceu, contudo, estes são as primeiras chaves para entender o agora.

Convenhamos que as raízes do povo latino-americano não são extensas. Somos novos na cronologia da sociedade. Trezentos anos podem parecer muito, mas não são nem algumas páginas na história da civilização mundial. São poucos os que têm a sorte de vivê-la intensamente e poder reportar da maneira que lhes afeta. Narrar suas histórias com propriedade e veracidade.

Com seus cabelos grisalhos e seu óculos, fiel parceiro de vida, o professor Edinson Uruya, de 50 anos, teve o privilégio (se é que podemos utilizar esta palavra) de renascer e morrer junto com Hugo Rafael Chávez Frias, analisando e estudando seus impactos nas famílias venezuelanas.

Graduado e ainda ativo na área de ciências

sociais, o pesquisador saiu de casa cedo. Deixou para trás as cinco irmãs mais velhas e os pais na cidade de Maturín. Desde cedo foi morar em Caracas, no marco zero dos protestos e manifestações contra o duradouro governo. Chegou a provar do succulento fruto da política chavista, sem se quer ter conhecimento do doce veneno escondido.

Quando o até então ‘profeta’ assumiu a presidência do país bolivariano, em 1999, o país estava completamente devastado pela incompetência política. Tudo era uma zona. Anos após todo este cenário caótico e a instabilidade econômica, houveram lacônicos e superficiais momentos de prosperidade no início de seu governo. Todos por viés dos inúmeros investimentos sociais.

Chávez chegou no cargo mais alto da república com a promessa de reintegrar o povo. De dar voz aos até então oprimidos. E cumpriu com sua palavra. Hipnotizou de pouco em pouco o voto de confiança da massa venezuelana. “Chávez construiu grandes obras. Tínhamos postos de saúde em todos os bairros. Tínhamos remédios. Muitos acreditavam e muitos não acreditavam”, comenta o docente enquanto limpa as lentes dos óculos.

Assim que tomou posse, o povo já o idolatrava. Este era apontado como a salvação do povo bolivariano. “Olhamos para o Chávez como aquele que verdadeiramente ia nos ajudar a sair. Já estávamos cansados da velha direita”, explica de maneira monossilábica para enfatizar o sentimento dos menos privilegiados. Por

bem ou por mal, este parecia o recomeço para todos os anos e anos de incompetência. Pela primeira vez na história da nação, o povo seria representado e então reconhecido pelo seu suor, pelo seu trabalho. Um ideal muito digno, mas que não encaixa assim tão facilmente.

No olhar de um agora formado cientista social, Chávez foi, sem dúvida, um parasita. Roubou do pobre para dar para ele mesmo. Para os militares. Para seus amigos. Para a sua família. Em um olhar mais crítico, Edinson revela que os mais estudados já colhiam os miúdos descuidos e indiretas do líder, mostrando seu monopólio no cenário político. “Naquela época, eles já importavam remédios de Cuba e diziam que o mesmo comprimido servia para tudo. Você tinha uma parada cardíaca, te davam uma ‘dipirona’. Esse mesmo remédio servia tanto para curar uma unha encravada ou até para fazer o cabelo crescer. Era estranho”, aponta ele com tom mais exaltado.

Entre tantas outras jogadas, o ex-militar usava dos domingos como um horário sagrado para ouvir e conversar com seus fiéis. Assim como um padre não abandona sua missa, o líder não abria mão de seu programa. E foi então que Chávez criou o chamado ‘*Aló Presidente*’. Sua primeira exibição foi logo em 1999, ano que assumiu o comando presidencial.

Convenhamos que o programa, na verdade, era muito amador. Mas tal propósito era justamente para tirar sua imagem de soberania e reporta-lo como um ‘homem do povo’. A pauta central de seu show

era a sociedade, que seria continuamente abordada em todos seus episódios. Sempre com sua camisa vermelha, Chávez esteve durante 13 anos, todo santo domingo, na televisão do povo. “Muita gente gostava. Meu pai ainda, até hoje, gosta de assistir. Eu brigo daqui com ele. Sempre falo: ‘Para com essa estupidez’, mas respeito sua decisão”, comenta o pesquisador.

Para os estudiosos da época, ouve um episódio central em que o presidente acabou dando o ‘Alô’ ao seu verdadeiro plano. “Me lembro direitinho dele comentando em um programa que ‘ser rico era ser mal’. Ali eu já temia ter sacado a indireta”. Da mesma maneira que um professor tem sua soberania sobre um aluno primário, o presidente então começou a introduzir a palavra socialismo. Uma democracia socialista. Foi quebrando a palavra em sílabas, pouco a pouco. E assim, hipnotizando a massa. Com remédios e alimentos, o ditador ia escondendo o buraco que apenas estava se alargando cada vez mais por de baixo de tudo isso.

Dona de uma das maiores reservas de petróleo do mundo, o preço do barril chegou a casa dos U\$130 no ano de 2008. Como seria possível, dez anos depois, o país ingressar em uma dívida externa de mais de U\$159 bilhões, segundo dados do Fundo Monetário Internacional de 2018? Poucos sabem responder essa pergunta.

Contudo, o que muitos sabem responder, e sem hesitações, é que Chávez fez, e com muito êxito, seu papel de profeta. Ele deu esperança, motivou

e manipulou os mais de 32 milhões de moradores, e com muito sucesso. “Quando a gente acredita em um líder, acredita. Você fica cego, surdo, mudo. É uma vantagem e desvantagem. Até então acreditávamos que ele era o líder que ia ajudar a Venezuela”, relembra com convicção. E até hoje existem devotos que isentam o ex-líder de qualquer responsabilidade, justamente por ter dado uma voz e carinho aos que nunca foram notados. Logo, bem debaixo do nariz dos moradores, encontramos o maior legado de Hugo Chávez. A separação das famílias venezuelanas.

Um depoimento tanto quanto imponente, vindo de um professor de ciências sociais. Mas Edinson repete incansavelmente a palavra ‘separação’, sem tremular em nenhum momento. “O pior que Chávez fez foi dividir o povo venezuelano. Ele semeou o ódio. Ele criou esse ódio pela direita e pela esquerda”, explica ele com tom de voz mais melancólico. Imagine discutir com colegas, amigos e até familiares sobre a situação política de seu país. Desavenças são sadias. Discutir é sadio. Mas romper laços de afeto por conta de uma ideologia, isso já torna-se um pouco radical demais. Já imaginou que cenário mais lamentável? O Brasil jamais chegará perto deste nível. Opa.

“Depois do golpe de 2002, meu tio e meu pai brigaram muito feio. Eu lembro direitinho. Eles saíram no soco e nunca mais se falaram”, relata de maneira apática. E ainda comenta: “Era um só povo. Agora não existe mais isso. Chávez separou

a gente. Isso foi o pior que ele fez”. Do céu ao inferno. Do vinho à água. Do calor ao frio. Muito foi feito para o povo, mas também muito foi retirado dele.

E como o próprio cientista dizia: “A história se repete”. Nestes últimos meses, a sofrida plebe reencontrou-se com um novo ‘Messias’. Aquele que irá salvar a população de toda miséria e reerguerá a nação.



Edinson mostra sua gratidão em viver em São Paulo. (Crédito: Aleksander Santos).

Juan Gerardo Guaidó Márquez, de apenas 36 anos. Já reconhecido como presidente interino da República Bolivariana da Venezuela por mais de cinquenta países, dentre eles, o Brasil. Mas o professor repete: “Temos que olhar a história. Com um novo líder, um novo recomeço, um novo profeta, há de se ter muita cautela”, lembra.

Hoje, em seu sofá azul-escuro, Edinson divide

a mesma experiência que muitos outros venezuelanos. Deixou seu conforto, seus entes queridos, deixou sua vida. Tudo na incessante busca por tempos melhores. “Muitos saíram de casa com uma mochila repleta de sonhos, mas viram essa mochila se abrir com realidade. É dura a realidade por aqui”, revela.

Mas, prontamente, ele muda seu tom de voz e exalta as experiências no país da cordialidade. “Uma sobrinha me perguntou: ‘Tio, quando você volta?’ Eu disse: ‘2025’. Eu amo Brasil. Não vou voltar para passar fome na Venezuela. O Brasil me deu grandes oportunidades”, encerra com sorriso contagiante.

Posfácio

APRENDI

Este sem sombra de dúvidas foi minha maior vivência como repórter. É de grande injustiça comparar vidas e personagens tão ricos e apenas resumir suas histórias de bravura e conquistas em algumas palavras selecionadas. Senti como se minha responsabilidade fosse de um parteiro, dando luz e vida a cada um dos entrevistados. Com a mesma delicadeza, busquei todo cuidado do mundo para não diminuir o tamanho de cada pana mio.

Testemunhar cada palavra, cada expressão, cada experiência dos cinco amigos que fiz durante o processo foi como preencher um vazio dentro de mim. Meu pai sempre me ensinou a ajudar o próximo da maneira que pudemos. E assim fiz. Arranhando o enferrujado espanhol, procurei dar vida àqueles que foram esquecidos e diminuídos pelos discursos de ódio.

São histórias de superação assim como de muitos outros brasileiros, muitos outros imigrantes. E é justamente isso que nos aproxima tanto. Nossas raízes são de imigrantes. Nossa fama é a cordialidade. Nossas histórias de luta e

superação tem muito em comum, apenas somos cegados pelos cabrestos dos meios de comunicação.

Com Luzdalis, aprendi que o amor incondicional de uma mãe para um filho é um sentimento inexplicável, capaz de mover montanhas e cometer barbáries pelo bem-estar de seu primogênito. Com Daniel, descobri que a força do querer é muito maior que pensamos. Por mais estreito que seja o caminho, nós somos responsáveis por encontrar as saídas.

Como uma boa professora, Corina me ensinou a bravura de uma mulher disposta a aprender e ensinar todos os dias, para que a chama de uma vida melhor nunca se apague. Edgar me ensinou o valor da honestidade, que, por mais longo seja seu caminho, seus frutos sempre serão mais saborosos. Último, e não menos importante, Edinson me mostrou a alegria de viver. Viver intensamente a história. Com ou sem nossa família, o amor sempre deve prevalecer para amenizar os tempos sombrios.

Por fim, me ensinei a ser um mero repórter. Blindar sua fonte, preservar sua identidade e manter-se fiel aos fatos. Consegui com êxito? Só você pode me julgar. Dos mais de quatro meses de apuração e entrevistas, revivi uma palavra que significa intensamente este trabalho: Gratidão. Gratidão por todos mis panas terem confiado no meu trabalho. Gratidão pela oportunidade de aprender com todas essas histórias de vida. E, principalmente, gratidão por ter provado o doce sabor desta mágica profissão.



REFERÊNCIAS

- 1| THE WORLD BANK. Disponível em: <<http://datatopics.worldbank.org/world-development-indicators/>>. Acesso em: 29 de setembro de 2019.
- 2| THE OBSERVATORY OF ECONOMIC COMPLEXITY. Disponível em: <<https://oec.world/es/profile/country/ven/#Exportaciones>>. Acesso em: 29 de setembro de 2019.
- 3| ELNACIONAL. Se disparan los precios de la charcutería, el pollo y las hortalizas. Agosto 2019. Disponível em: <https://www.elnacional.com/economia/precio-charcuteria-pollo-aumento-casi-quinta-crespo_290852>. Acesso em: 29 de setembro de 2019.
- 4| G1. Inflação na Venezuela atingiu 815.194% em 12 meses no mês de maio. 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/06/10/inflacao-na-venezuela-atingiu-815194percent-em-12-meses-no-mes-de-maio.ghtml>>. Acesso em: 29 de setembro de 2019.
- 5| EXAME. 48% da população da Venezuela vive em condição de pobreza, diz pesquisa. 2018. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/mundo/48-da-populacao-da-venezuela-vive-em-condicao-de-pobreza-diz-pesquisa/>>. Acesso em: 29 de setembro de 2019.
- 6| G1. Salário mínimo na Venezuela chega a valor mais baixo da história. 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/08/20/salario-minimo-na-venezuela-chega-a-valor-mais-baixo-da-historia.ghtml>>. Acesso em: 29 de setembro de 2019.
- 7| Dicionário MICHAELIS. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=m%C3%A3e>>. Acesso em: 26 setembro de 2019.
- 8| MONEYPAGES. Quanto do salário mínimo é gasto com comida em cada país?. 2019. Disponível em: <<https://moneytimes.com.br/quanto-do-salario-minimo-e-gasto-com-comida-em-cada-pais/>>. Acesso em: 21 de setembro de 2019.
- 9| BBC BRASIL. Quais são os países com as maiores reservas de petróleo e por que isso não é sempre um sinal de riqueza. 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/>>

- internacional-47795371>. Acesso em: 21 de setembro de 2019.
- 10| FOLHA DE SÃO PAULO. Moeda venezuelana é matéria prima para falsificar dólares. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/paywall/login.shtml?https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2016/12/1844177-moeda-venezuelana-e-materia-prima-para-falsificar-dolares.shtml>>. Acesso em: 21 de setembro de 2019.
- 11| LA REPÚBLICA. Profesores de Venezuela son los peores pagados de América Latina. 2018. Disponível em: <<https://larepublica.pe/mundo/1217378-profesores-de-venezuela-son-los-peores-pagados-de-america-latina/>>. Acesso em: 8 de agosto de 2019.
- 12| ACTUALIDAD LABORAL. Desempleo Juvenil: cuando la experiencia cuenta. Disponível em: <<https://actualidadlaboral.com.ve/seccion/detalles/desempleo-juvenil-cuando-la-experiencia-cuenta>>. Acesso em: 11 de agosto de 2019.
- 13| MINISTÉRIO DA DEFESA. Processo de interiorização leva venezuelanos de Roraima para outras regiões do Brasil. 2018. Disponível em: <<https://www.defesa.gov.br/noticias/41442-processo-de-interioriza%C3%A7%C3%A3o-leva-venezuelanos-de-roraima-para-outras-regi%C3%B5es-do-brasil>>. Acesso em: 11 de agosto de 2019.
- 14| NEXO. Um histórico visual da queda do preço do petróleo. 2016. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/grafico/2016/01/18/Um-hist%C3%B3rico-visual-da-queda-do-pre%C3%A7o-do-petr%C3%B3leo>>. Acesso em: 25 de agosto de 2019.
- 15| G1. O que levou a Venezuela ao colapso econômico e à maior crise de sua história. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/2018/10/22/o-que-levou-a-venezuela-ao-colapso-economico-e-a-maior-crise-de-sua-historia.ghtml>>. Acesso em: 25 de agosto de 2019.
- 16| FOLHA DE SÃO PAULO. Veja o que causou o golpe contra Hugo Chávez na Venezuela. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2002/venezuela/o_golpe.shtml>. Acesso em: 25 de agosto de 2019.
- 17| IMAGEM CAPA Fundo foto criado por natanaelginting - br.freepik.com

Vivendo a pior crise humanitária e o maior êxodo urbano de sua história, a Venezuela está à beira de um colapso. Inúmeros venezuelanos já deixaram sua nação, arriscando suas vidas na busca por sobrevivência. Vivendo na linha da pobreza, os diversos moradores do falecido país enfrentam barreiras e obstáculos à procura de uma estabilidade econômica nos vizinhos. *Panamio: Histórias venezuelanas e o brasileiro cordial* narra a trajetória de vida de cinco venezuelanos, ilustrando suas dificuldades e obstáculos desde seu berço patriarcal até a chegada e adaptação na maior metrópole do Brasil.